

SOU EU O QUE PAGO/PAGA ICH BIN DERJENIGE, DER ZAHLT.

A CONSTRUÇÃO CONVERGENTE E DIVERGENTE EM PORTUGUÊS E EM ALEMÃO

HARALD THUN *

1. O fenómeno

Em português como em alemão a oração relativa revela um fenómeno que deve interessar a linguística geral pelos seus aspectos universais e que, pela sua frequência no uso da língua, merece um capítulo numa gramática contrastiva portuguesa-alemã se esta tem objectivos práticos.

Refiro-me ao caso duma construção complexa, composta de uma oração principal e de uma oração relativa. A oração principal consiste numa estrutura copulativa, completada ou não por um elemento predicativo nominal, cujo sujeito é um pronome e um morfema pessoal da primeira ou da segunda pessoa, singular ou plural¹:

Sou eu... / És tu... / Somos nós...
/ Sois vós... / Eu sou o homem... etc.
— Ich bin es... / Ich bin der Mann... etc.

* Universidade de Mogúncia/RFA

¹ Quanto à oração principal, só tomo em consideração aqui o caso da identidade da categoria pessoal no pronome e no morfema pessoal do verbo. Tratarei noutra ocasião, num estudo sobre o problema da construção convergente e divergente na perspectiva românica, do caso da construção divergente na oração principal. Este tipo, tão frequente no Francês (*C'est moi qui...*), é desconhecido no alemão mas existe em português onde é censurado como "vício de linguagem". E assim que se vê estigmatizada a construção *Foi eu que fiz* (em vez de *Fui eu que fiz/quem fez*) por CRUZ, José Marques da (²³1966). *Português prático. Gramática*, São Paulo, 171. Surpreende esta condenação num autor que — como veremos — colecciona e admite, para os casos das orações complexas, exemplos contra as regras artificiais dos puristas.

Como se expressa, neste caso, a categoria da pessoa na oração relativa? Pela repetição do morfema pessoal da oração principal na oração relativa (construção **convergente**) ou por um morfema da terceira pessoa (construção **divergente**)? Como traduzir, por exemplo, em português e em alemão, este versículo da Bíblia (João 6,41):

ἐγὼ εἶμι ὁ ἄρτος ὁ καταβάς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ (NT GRAECE)

vivus, qui de caelo descendi (VULGATA)?

2. Olhada sobre os estudos

As gramáticas do português e do alemão, descontando algumas raras exceções, não se detêm muito neste problema. Mas é interessante ver que o caso ocupa um pouco mais as gramáticas portuguesas do que as alemãs². Isto talvez se deva ao facto que no uso linguístico real as soluções do alemão são mais uniformemente do tipo divergente, embora o português mostre uma variação maior entre a construção convergente e divergente. Da mesma maneira, os dicionários de dificuldades e outras obras com intenções normativas costumam, no caso do português, dedicar algumas linhas ao nosso problema³. Conforme à tradição do género, os autores impõem regras fixas por detrás das quais se pode supor, como sempre, uma realidade linguística distinta. Em contrapartida, o problema não entrou no conhecido *Duden — Zweifelsfälle der deutschen Sprache* (1972).

Não conheço nenhum estudo especializado, monografia ou artigo que focalize o problema, contrastando o português e o alemão ou anali-

¹ Nada nos diz, por exemplo. BRINKMANN, H. (1971), *Die deutsche Sprache. Gestalt und Leistung*, Düsseldorf. Nas gramáticas alemãs, que se ocupam do problema, prevalece a opinião seguinte: "Bezieht sich ein Relativpronomen auf ein Personalpronomen der ersten oder zweiten Person, so wird entweder das Personalpronomen im Relativsatz wiederholt, oder dessen Prädikat folgt dem Relativpronomen als dem Subjekt" (JUNG, W. [1980], *Grammatik der deutschen Sprache*, Leipzig, § 113). A obra colectiva de HEIDOLPH, K. E. et alii (1981), *Grundzüge einer deutschen Grammatik*, Berlin, cap. 2.3.1.2 = §17, acrescenta uma distinção que me parece artificial: "Im relativen Anschluß kann (im Singular) oder muß (im Plural) zusätzlich die Person expliziert werden (*ich, der ich...*), sofern das Relativpronomen dem Subjekt des Relativsatzes entspricht."

² Assim, o emprego da primeira ou segunda pessoa na oração relativa introduzida por *quem é* o "erro n.º 5" no livro de NASCIMENTO, E. Dantès (s.a., terceira edição), *Os cem erros mais correntes da língua portuguesa falada no Brasil e sua correção sob forma prática*. São Paulo.

sando uma destas línguas ⁴. Encontrei as observações mais lúcidas num trabalho de Klaus Heger que analisou o caso na perspectiva da linguística geral, dentro da sua teoria da deixis pessoal ⁵. Heger vê nas línguas românicas "ein erhebliches Schwanken im Sprachgebrauch" entre formas como "*Moi qui AI dit* oder *JE SUIS celui qui AI dit*, in denen die Bezeichnung der personal-deiktischen Kategorie den Vorrang hat, und solche wie *MOI qui A dit* oder *c'EST MOI qui A dit*, in denen die Bezeichnung des innendeiktisch-anaphorischen Bezugs den Vorrang hat, und besonders beliebt sind die aus beiden kontaminierten Mischformen der Typen *JE SUIS celui qui A dit* und *c'EST MOI qui AI dit*".

O autor não toma em conta o português mas constata que o espanhol prefere as construções "in denen die Bezeichnung der personal-deiktischen Kategorie den Vorrang hat: neben häufigen *YO quien HE dicho* und *SOY YO quien HE dicho* sind die entsprechenden Formen *Yo quien HA dicho* selten und **ES YO quien HA dicho* praktisch unmöglich; nicht selten sind aber auch hier kontaminierte Formen vom Typ *SOY YO quien HA dicho*".

Identifica, além disso, os três tipos seguintes em alemão:

- *ICH, der ICH gesagt HABE*
("Vorrangstellung der Bezeichnung der personal-deiktischen Kategorie")
- *ICH, der gesagt HAT*
("Vorrangstellung der Bezeichnung des innendeiktisch-anaphorischen Bezugs")
- *ICH BIN derjenige, der gesagt HAT*
("Kontaminierte Form")

Pela escolha da perspectiva deíctica que lhe permite colocar o enunciado (ou "dito") no seu ambiente natural, isto é, na situação do falar (no plano do "dizer"), a análise de Heger constitui uma etapa importante

⁴ No grande trabalho de LEHMANN, Chr. (1984), *Der Relativsatz*, Tübingen, aparecem, aqui e acolá, exemplos de construções convergentes ou divergentes (cf. p. 264: *Und ihr, die ihr fliehen wollt, seid gewarnt!*; p. 304: *Ich bin einer, der das Gute liebt and das Böse haßt*). São particularmente interessantes, para um futuro estudo romanístico comparativo, os exemplos do latim [construções convergentes que correspondem a construções divergentes em alemão: *Ego enim is sum, ... qui nihil unquam mea potius quam meorum civium causa fecerim* [Cic.fá. 5, 22,2] — *Denn ich bin ein Mann, der nie etwas mehr um seinetwillen als um der Mitbürger willen getan hat*; p. 304). Sem embargo, o autor não se ocupa do nosso problema. Assinala, e tem razão, que "Der Zusammenhang der syntaktischen Funktion des Prädikatsnomens mit der R[elativ]S[atz]bildung würde eine eigene Untersuchung erfordern" (p. 304).

⁵ "Personale Deixis und grammatische Person", *ZRPh* 81, 1965, 76-97; especialmente 87 e seguinte.

no caminho até à solução do problema. Supera, com esta perspectiva e com a observação do uso real, a análise transformacional que encontramos na muito mais recente *Gramática da língua portuguesa* (Coimbra 1983, 358) de M. H. Mira Mateus et aliae. As autoras limitam-se à identificação das relações internas (plano do dito) dos elementos da oração principal e da oração subordinada. E, declarando a "agramatical idade" do tipo *Fui eu quem telefonei*, continuam a má tradição simplificadora do transformacionalismo.

O que Heger focalizou, cornudo, tem que ser alargado porque a perspectiva adoptada pelo linguista alemão no seu trabalho há quase vinte e cinco anos, é a do monólogo. No entanto, o problema da escolha entre a construção convergente e divergente não pode ser resolvido sem tomarmos em conta os movimentos interactivos no diálogo. Analisando a "Wechselrede", as pressuposições produzidas pelo diálogo ou introduzidas nele, as intenções expressivas dos interlocutores (a organização do discurso, a distinção entre elementos temáticos e remáticos), assim como as condições paradigmáticas (tipo de pronome relativo, valor ôntico da oração, natureza do morfema pessoal), chegaremos à conclusão que a presença duma construção convergente não é consequência duma qualquer incerteza ("Schwanken") do locutor mas que é manifestação de distinções funcionais ou, para dizê-lo em termos mais tradicionais, de regras. Não negamos com isso, naturalmente, a incerteza que pode produzir no locutor a leitura de instruções normativas.

Do tipo de análise que tenciono realizar aqui há um esboço notável na *Gramática fundamental da língua portuguesa* (Rio de Janeiro ² 1970) de Gladstone Chaves de Melo:

"Havendo predicativo na oração principal, representado por pronome demonstrativo ou por substantivo, já se pode fazer a concordância do verbo da subordinada com o predicativo, exatamente quando se quer estabelecer distinção entre pessoas ou situações: "foste tu *o* que *teve* melhor nota", "vós sois *um* homem que não *mente*" (...). [Nestes exemplos, é como se disséssemos: "um aluno teve nota muito alta, e esse és tu"; "existem homens que não mentem, e vós sois um deles"|. Excluída, porém, a hipótese de distinção, faz-se a concordância com o sujeito de *ser*: "foste tu *o* único que *reclamaste*", (p. 350).

A função da "distinção" corresponde de maneira óbvia à diferença material (que define a construção divergente) entre as categorias pessoais na oração principal e na oração subordinada. Mas temos que fazer algumas precisões.

Parece-me que Gl. Chaves de Melo não presta a atenção devida à diferença fundamental entre, por um lado, a primeira e segunda pessoa e, por outro lado, a terceira pessoa. A "distinção" só é possível, é claro, no

caso da primeira e da segunda pessoa. *Para foi ele o que teve a melhor nota* não existe expressão análoga que pudesse marcar a mesma "distinção". Ora sendo a primeira e segunda pessoa, indicadas pelos pronomes e morfemas pessoais, ao mesmo tempo representantes dos interlocutores ("Sprechhandelnde", no plano do dizer) e actantes (ou, melhor, sujeitos do verbo, no plano do dito) — a qual das duas funções se refere a "distinção"? A mesma pergunta surge com respeito à "situação". Esta pode-se interpretar como a situação actual que corresponde ao plano do dizer ("Kommunikationssituation") ou como uma situação não actual, só referida no plano do dito ("besprochene Situation").

Por outra parte, não haverá também uma espécie de "distinção" no caso da construção convergente do tipo "foste tu o único que reclamaste"? Seria uma "distinção" mais bem implícita mas que se entende perfeitamente dado o valor enfático que costumam possuir enunciados como este. Nada mais ilustrativo a este respeito que os exemplos da literatura clássica que cita o linguista brasileiro⁶.

É evidente que as constelações comunicativas e a organização do discurso que condicionam, na minha opinião, o emprego das construções convergente e divergente ultrapassam os limites do português e do alemão. Aqui é que está a causa do interesse que teria que apresentar o caso para a linguística geral. O que podemos observar no português e no alemão são apenas soluções individuais dum problema geral.

A constelação comunicativa que é de carácter pré-linguístico porque corresponde à condição elementar de toda a interacção social, e a organização do discurso que é uma necessidade semiótica que precede todas as línguas individuais, proporcionam-nos o 'tertium comparationis' indispensável para a análise comparativa ou contrastiva.

3. Análise

Entramos agora na análise desta parte da pragmática e da sintaxe portuguesa e alemã. Escolho primeiro o português como L2.

3.1. Construções excluídas

Deixo de lado os três casos seguintes porque não correspondem à nossa estrutura copulativa com morfema e pronome pessoal de primeira ou segunda pessoa na oração principal.

⁶ Por exemplo: "Não és tu o que só restaste dos quatro animais que ou fiz reinar no meu mundo?" (VEIRA, Sermões, XIII; MELO, Chaves de, 351).

a) Identidade ocultada

Ausência do pronome e morfema pessoal da primeira pessoa na oração principal embora o locutor fale de si mesmo. Neste caso, o locutor fala de si como duma terceira pessoa. A referência do morfema e do pronome pessoal ao locutor fica dissimulada.

Exemplo: [Jesus fala com um cego que recuperou a vista] "Tu crês no Filho de Deus? Respondendo ele disse: Quem é, Senhor, para eu crer nele? Disse-lhe Jesus: tu o viste, e é aquele mesmo que fala contigo" (João 9, 35-37; Matos Soares). O alemão, por razões óbvias, reage idênticamente: "Du hast ihn gesehen, und der mit dir redet, der ist's" (Luther-Bibel 1961).

b) Divergência entre a função interactiva e a forma gramatical

Presença na oração principal dum nome pronominalizado que desempenha pragmaticamente, na interacção, o papel de pronome de locutor ou de interlocutor mas que, estruturalmente, no plano do dito, preserva as características da terceira pessoa. E o caso de formas como *a gente*, *o pessoal*, *o povo* para o falante, e *o Senhor*, *você*, *vocês* para o ouvinte. Pode-se comparar com estes exemplos a forma alemã *unsereins*⁷. Todos estes regem, na oração principal como na relativa, um verbo na terceira pessoa.

c) Relação exclusiva (aposição)

O pronome relativo refere-se a um pronome ou a um vocativo isolando-o das suas relações com o verbo. É o caso da aposição. O morfema pessoal na oração relativa corresponde, em português, ao pronome pessoal da oração principal ou ao vocativo:

Eu, João, que também sou vosso irmão,..., estava na ilha chamada Patmos (Apocalipse 1, 9; Matos Soares);

Ah! tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo (Marcos 15, 29-30; Matos Soares);

[...] deste-lhes tanto como a nós, que suportamos o peso do dia e do calor (Marcos 20, 12; São Paulo);

Mas digo-vos a vós, que ouvis: Amai os vossos inimigos (Lucas 6, 27; Matos Soares).

⁷ "Unsereins kommt nie zur Ruhe."

O alemão dispõe também duma construção convergente. Materialmente, ela consiste na adição ao elemento relativo dum pronome pessoal da primeira ou, respectivamente, da segunda pessoa. No morfema pessoal do verbo repete-se a mesma pessoa:

Ich, Johannes, der ich auch euer Bruder bin, war auf der Insel Patmos (Apc. 1, 9)⁸.

Sem embargo, no alemão moderno esta solução parece pesada. É significativo que as traduções modernas da Bíblia a evitam sistematicamente:

Ich, Johannes, euer Bruder und Mitgenosse [...], ich war auf der Insel Patmos (Luther-Bibel 1961)
Ich bin Johannes, euer Bruder [...]. Ich bin auf die Insel Patmos verbannt worden (Die Bibel im heutigen Deutsch, 1982).

A mesma elaboração foi submetida a estrutura vocativa no "pai-nosso" (Mt 6). O clássico "Vater unser, der du bist im Himmel" foi substituído, nas versões mais modernas, por "Unser Vater im Himmel" (Die Bibel im heutigen Deutsch; Luther-Bibel 1984).

Contudo, o alemão moderno admite a união do relativo e do pronome pessoal nas combinações com orações principais que contêm um verbo não copulativo. Mas a construção não deixa de ser literária.

Exemplo:

Freut euch, die ihr jetzt Hunger habt! Gott wird euch satt machen [...]. Weh euch, die ihr satt seid! Ihr werdet hungern (Luc. 6, 21-25; Die Bibel im heutigen Deutsch).

3.2. Construções copulativas. Aspecto formal.

Voltamos às construções que correspondem à nossa estrutura sintáctica copulativa. Analisamo-las primeiro sob o aspecto da forma, depois sob o aspecto do sentido. O aspecto da forma é o da variabilidade.

⁸ LUTHER (1545) escolheu a construção divergente que implica, neste contexto, uma mudança da perspectiva do locutor: "Jch Johannes / der auch ewer Bruder vnd Mitgenos am trübsal ist / [...] / war in der Jnsulen die heisst Pathmos".

3.2.1. Formas fixas

O português possui duas estruturas formais fixas:

- a) sempre convergente (na relativa)
é o tipo *Eu é que pergunto*,
- b) sempre divergente
é o tipo *Quem manda sou eu*.

A primeira construção é própria do código falado e, neste, do diálogo ⁹. A segunda pertence a todos os códigos e níveis. A construção convergente serve para rectificar a identificação do agente, contrastando-o com outros agentes. As peças de teatro fornecem exemplos concludentes.

Que sirva de ilustração o seguinte microdiálogo tirado do *Auto da compadecida* de A. Suassuna:

Padre: Que é isso, que é isso?

Padeiro: Eu é que pergunto: que é isso (p. 52).

As duas construções são invariáveis quanto a **um** dos morfemas pessoais. A construção convergente não varia o morfema pessoal no verbo da oração principal, a construção divergente não varia o morfema pessoal no verbo da relativa.

A construção divergente põe o acento na acção expressa pelo verbo ou no conjunto entre o agente e a acção, mas não só no agente. À prova outra citação duma peça de teatro:

Você vai mas é à merda!... Aqui quem manda sou eu (Jaime Gralheiro, *Vieram para morrer*, 60).

Não tinham falado antes, os protagonistas, sobre o assunto global de ser algum deles o que comanda.

O alemão não possui construção formalmente análoga ao primeiro tipo. A *eu é que pergunto* corresponderia a construção estruturalmente distinta *Ich frage hier* ou a construção *Ich bin es, der hier fragt* que equivale também a outros tipos do português (como por exemplo a *Eu sou quem pergunta*).

⁹ Cf. CASTELEIRO, J, Malaca (1976/79), "Síntaxe e semântica das construções enfáticas com 'é que' ", *Boletim de Filologia* 25, 97-166.

Ao segundo tipo português, *Quem manda aqui, sou eu*, corresponde bastante bem, no sentido e na forma, e até mesmo na invariabilidade numérica do morfema pessoal do verbo na oração relativa anteposta, o tipo alemão

Wer hier befiehlt, bin ich.

Mas há uma diferença. Esta construção não é frequente com o verbo copulativo na principal. São mais usuais;

Wer hier befiehlt, wird sich noch entscheiden.

Der, der hier befiehlt, bin ich.

3.2.2. Formas variáveis

a) A construção predicativa nominal + *que*

Esta construção permite a variação do morfema pessoal no verbo da oração relativa. Assim, às construções divergentes opõem-se as construções convergentes. Encontramos as duas soluções nas traduções paralelas da Bíblia:

	<i>construção divergente</i>	<i>construção convergente</i>
João 6,41	Eu sou o pão que desceu do céu (Matos Soares)	Eu sou o pão que desci do céu (São Paulo)
Joel 4,17	Eu sou o Senhor, vosso Deus, que habita em Sião minha montanha santa (São Paulo)	Eu sou o Senhor, vosso Deus, que habito no meu santo monte de Sião (Matos Soares, Ferreira)

À diferença do português as traduções alemãs dão em uníssono a construção divergente:

Ich bin das Brot, das vom Himmel gekommen ist.

Ou então elas recorrem a outras construções, por exemplo

Dann — sagt der Herr — werdet ihr erkennen, daß ich euer Gott bin. Auf dem Zion wohne ich, meinem heiligen Berg (Die Bibel im heutigen Deutsch)

ou

und ihr werdet erkennen, daß ich, der HERR, euer Gott bin, der auf Zion wohnt, meinem heiligen Berg (Elberfelder Bibel 1987).

Todas as bíblias portuguesas consultadas traduzem a autoidentificação divina que atravessa os livros históricos do Antigo Testamento como um leitmotiv, por uma construção convergente:

Eu sou o Senhor, vosso Deus que vos tirei do Egito
(Levítico 26, 13).

Todas as bíblias alemãs consultadas apresentam a construção divergente:

Ich bin der Herr, euer Gott, der euch aus Ägyptenland geführt hat.

Aqui, neste caso da estrutura predicativa nominal, as possibilidades expressivas do português e do alemão são distintas.

O português pode escolher entre a construção convergente e a construção divergente. A construção convergente salienta o agente. É este o elemento remático. Isto fica muito claro na última citação. Deus intervém para se impor contra os deuses concorrentes. A acção expressa pelo verbo é temática. E efectivamente, a libertação dos israelitas é um facto conhecido. Deus quer que eles se lembrem disso.

O alemão, pelo contrário, não possui essa possibilidade de escolha. A construção convergente do tipo *Ich bin der Herr, euer Gott, der euch aus Ägyptenland geführt habe* não é gramatical e não se diz. A presença do elemento nominal na oração principal impede, do mesmo modo, o emprego do pronome relativo combinado com o pronome. É impossível, por isso, a escolha dum construção como *Ich bin der Herr, euer Gott, der ich euch aus Ägyptenland geführt habe*. Para exprimir a mesma ideia que o português, o alemão só se pode valer dum acento supra-segmental no pronome (*Ích bin der Herr...*).

b) A estrutura pronominal + *quem*

Apesar de ter fama de construção literária não é raro encontrá-la, em Portugal como no Brasil, em textos que imitam o código falado. Só dou alguns exemplos:

Julgam-se libertos dos deuses, mas sou eu quem os governa
(Augusto Abelaira, Anfitrião outra vez, 1980, 37)
És tu quem tem razão, Joana (Bernardo Santareno, O crime de
Aldeia Velha, ³1970, 28).

Talvez em analogia com a estrutura já tratada do tipo *Quem manda sou eu*, a estrutura com a ordem inversa das orações parece tender, na língua moderna, para a invariabilidade do morfema pessoal (pessoa e

número) na oração relativa. Mas os falantes vacilam ainda.¹⁰ Os resultados dum pequeno teste que efectuei com informantes brasileiros e portugueses apresentam uma invariabilidade maior no singular do que no plural. *Não fui eu quem quebrei o prato* considerava-se como linguagem infantil. Se na primeira pessoa do plural *Fomos nós quem comeu a laranja* parecia normal, não faltavam respostas espontâneas como *Não fomos nós quem quebramos o prato*.

Quanto à segunda pessoa do plural (nos estilos onde ela existe), a construção convergente parece até ser a mais usual. Lemos na Bíblia:

Não fostes vós quem me escolhesteis, mas eu vos escolhi a vós (João 15,16; São Paulo).

Na tradução dum outro versículo:

Porque não sereis vós quem falareis mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós (Mt 10,20; São Paulo).

Mas também, numa versão paralela: Porque não sois vós quem falará (Ferreira).

Veremos que esta incongruência da segunda pessoa do plural no interior do paradigma se repete em alemão, mas num paradigma não correspondente.

c) A estrutura pronominal + *que*

Constatamos, por outro lado, uma uniformidade notável a respeito da estrutura com o relativo *que*. Como no caso da sua parente funcional, a construção apositiva, nesta estrutura relativa o morfema pessoal do verbo na subordinada corresponde ao morfema pessoal na oração principal.

Exemplos: Não quero! Sou eu que não quero!!!

(B. Santareno, O duelo -1974, 180)

E agora és tu que vens à minha procura

(A. Abelaira, Anfitrião outra vez, 1980, 1)

Fomos nós que comemos as laranjas (teste)

Não fostes vós que me escolhesteis, mas fui eu que vos escolhi a vós (João 15,16; Matos Soares)

¹⁰ Cruz, J. Marques da (291966). *Português prático. Gramática*, São Paulo, 109, admite as duas construções: "Poder-se-á dizer *SOM eu quem pago?* [*És tu...* etc.]. Muitos dizem que não, porque o pronome *quem* é da 3.ª pessoa do singular, e, portanto, o verbo deve sempre estar na 3.ª pessoa do singular. {...} Mas são abundantes os exemplos de bons autores [...] que provam que também se pode dizer: *Sou eu quem pago [...]*".

Ao que parece, delineia-se em português uma especialização das estruturas relativas que opõe directamente entre elas os tipos *Sou eu que mando* e *Sou eu quem manda* e que lhes reduz as possibilidades da variação do morfema pessoal na oração relativa. São ilustrativas, a este respeito, as traduções paralelas. Cito como exemplo a conversação de Jesus com a Samaritana (João 4, 25-26):

Disse-lhe a mulher: Eu sei que deve vir o Messias que se chama Cristo [...]. Disse-lhe Jesus: Sou eu que falo contigo (Matos Soares);

Ferreira: Eu sou, eu, que falo contigo.

Numa outra versão lemos:

Sou eu, quem fala contigo (São Paulo).

d) As estruturas com *aquele que* e *o que*

As duas outras estruturas relativas do português, quer dizer a construção com *aquele que* e com *o que*, permitem a variação. Nas traduções dum versículo do Apocalipse (Apc 22,8), ao lado da construção convergente com *que*

Fui eu, João, que ouvi, e vi estas coisas (São Paulo)

encontramos, noutras versões, as construções igualmente convergentes com *o que* e *aquele que*:

Eu, João (sou) o que ouvi e o que vi estas coisas (Matos Soares)

e

E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas (Ferreira).

Mas não faltam exemplos para construções divergentes:

Eu sou aquele que sonda os rins e os corações (Matos Soares, São Paulo, Ferreira)

Eu sou aquele que está vivo! (Boa Nova, Apc 1, 18)

És tu o que há de vir ou devemos esperar outro? (Matos Soares, São Paulo)

És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro? (Ferreira)

Nós somos aqueles que compraram o carro (teste)

Fomos nós os que comeram as laranjas (teste).

Exemplos para a escolha da construção divergente ou convergente em textos paralelos:

eu sou o primeiro e o último, o que vive e fui morto... (Ap 1,17-18; Matos Soares)

Eu sou o primeiro e o último; E o que vivo e fui morto (Ferreira).

Assim também os resultados do teste:

Não sou eu aquele que *vai* comprar o carro
ou: Não somos nós aqueles que *vão* comprar o carro

e

Eu sou aquele que *vou* comprar o carro
Nós somos aqueles que *vamos* comprar o carro.

e) Resumo da análise formal

Podemos resumir, sob o aspecto formal, o sistema das construções pronominais da maneira seguinte:

<p><i>que</i> + tendência marcada para o morfema pessoal da oração principal (construção convergente)</p>	<p><i>quem</i> + tendência marcada para o morfema da terceira pessoa (construção convergente)</p>
---	---

<p><i>o que</i> <i>aquele que</i></p>	}	+	{	<p>morfema pessoal da oração principal (construção convergente) morfema da terceira pessoa (construção divergente)</p>
---	---	---	---	--

3.3. Aspecto semântico

Que valores semânticos correspondem aos componentes deste microparadigma de estruturas sintáticas?

Que e *quem* são formas simples, *aquele que* e *o que* são formas compostas. Os pronomes relativos confirmam a ideia central da tipologia românica de Eugenio Coseriu: as formas simples ou paradigmáticas expressam conteúdos não relacionais enquanto que as formas compostas ou sintagmáticas expressam conteúdos relacionais.¹¹

¹¹ "Essai d'une nouvelle typologie des langues romanes", Sinaia 1971. Agora: "Der romanische Sprachtypus. Versuch einer neuen Typologisierung der romanischen Sprachen", ALBRECHT, J.- LÜDTKE, J. THUN, H. (eds.), *Energie und Ergon. Studia in honorem Eugenio Coseriu*, Tübingen 1988, I, 207-224, especialmente 213.

Que e *quem* exprimem a convergência do plano do dito e do discurso actual, quer dizer do plano do dizer. Não fazem referência a outros discursos. Por isso à pergunta (tirada duma revista brasileira)

Como você descobriu que tinha habilidade para lançar dardos?

corresponde perfeitamente o emprego do *que* na resposta: Na verdade não fui eu que descobri.

Não entram aqui em conta outros discursos.

A diferença entre a construção convergente com *que* e a construção divergente com *quem* consiste, como já supúnhamos, numa diferença de perspectiva:

Na construção convergente releva-se o agente. A identificação já se faz na oração principal, a oração relativa introduzida pelo *que* apenas repete um detalhe incontestado, consabido ou evidente e, por isso, temático.

Em contrapartida, na construção divergente releva-se a acção (que inclui o agente). A identificação faz-se pelo conjunto da oração principal e da oração relativa introduzida pelo *quem*. A oração relativa proporciona, por isso, uma informação essencial ou remática. Nos dois casos, a identificação realiza-se no interior do mesmo discurso sem estabelecer "distinção entre pessoas ou situações" (cf. § 2).

As estruturas com *aquele que* e *a que* implicam outros discursos e estabelecem relações com estes.

Isto fica muito claro neste versículo já citado da Bíblia (João 4,25):

És tu o que há de vir ou esperamos outro?

És tu aquele que há de vir ou esperamos outro?

A vinda do Messias era, como sabemos, um assunto tradicional nas conversações religiosas dos judeus.

Por esta mesma função relacional dos pronomes relativos *aquele que* e *o que* as versões paralelas já mencionadas do Apocalipse (22,8) não dizem a mesma coisa.

Na versão *Fui eu, João que ouvi, e vi estas coisas*, o tradutor apresenta o apóstolo na sua autoridade incontestada. Nas duas outras versões, *Eu, João (sou) o que ouvi e o que vi estas coisas* e *E eu, João sou aquele que vi e ouvi estas coisas*, o apóstolo está a pensar em outros discursos possíveis ou reais, onde se fala dele. Trata-se aqui, conforme a nossa terminologia, de construções convergentes que confirmam o facto

de ser João o protagonista (= o agente). Essa informação combina-se facilmente com o valor ôntico afirmativo da oração principal.

As construções divergentes que põem, como já sabemos, o acento na acção são frequentes nos casos duma oração principal negativa e duma oração principal interrogativa.

A explicação deste fenómeno não é difícil de encontrar. Tem que ver com o valor relacional dos pronomes relativos compostos. A negação e a interrogação implicam um outro discurso, real ou imaginado, que, no discurso actual, se nega ou se pergunta.

Aos informantes lhes parecia difícil substituir nas frases negativas

Não sou eu aquele que vai comprar o carro Não
somos nós aqueles que vão comprar o carro

ou nas frases interrogativas

Vocês acham que sou aquele que vai comprar o carro?
Vocês acham que somos nós aqueles que vão comprar o carro?

o morfema pessoal da terceira pessoa na oração relativa pelo morfema da primeira pessoa. Porquê? Porque o locutor se contradiria. Pela construção convergente ele confirma o facto de ser ele, o falante, o agente da acção. Pela forma negativa ou interrogativa infirma essa mesma confirmação.

Que diferença semântica há entre *aquele que* e *o que*? *Aquele que*, ao que parece, pertence ao código escrito, *o que* tanto a este código como ao código oral.

Neste nível *aquele que* localiza com mais precisão do que *o que*. Com *aquele que* o locutor refere-se a discursos identificados ou identificáveis, com *o que* a discursos cuja identificação não lhe importa.

4. O microsistema das estruturas relativas em alemão

(sein) + (elemento nominal) /(sein) + <i>es, der/die</i>	(sein) + <i>der/die, der/die</i> (construção divergente)
(construção divergente)	(sein) + <i>der-/diejenige(n), der/die</i> <i>/welcher/welche</i> (construção divergente)

A estrutura sem segundo elemento pronominal na oração principal, do tipo

Bist du, der da kommen soll (Mt 11,3; Luther-Bibel 1961)

em vez de

Bist du es, der da kommen soll

ou

Bist du der, der da kommen soll

já não pertence à língua moderna. É característica do estilo bíblico arcaizante.

Falta, por consequência, no alemão contemporâneo, um equivalente formal das construções comparáveis aos pronomes relativos simples *que* e *quem*.

A forma *derjenige, welcher* pertence ao estilo administrativo. Existe, além disso, em várias variedades do alemão meridional regional e dialectal a estrutura com o relativo universal *wo*.

A estrutura do tipo *Ich bin es, der bezahlt* ou *Ich bin der Gast, der bezahlt* é neutra no que respeita à relação com outros discursos. Mas como no caso das formas equivalentes do português *o que* e *aquele que*, o emprego das estruturas do tipo *Ich bin der, der bezahlt* e *Ich bin derjenige, der bezahlt* implica essa relação com outros discursos.

As formas são alteráveis quanto ao número: correspondem, no singular, ao sexo natural das pessoas referidas.

A oposição básica do paradigma alemão faz-se, como em português, mediante o traço "relacional". Mas ao contrário das formas *que* e *quem* a estrutura (*sein*) + *es, der* declina-se no pronome relativo e, no plano semântico, como já dissemos, é neutra ao traço "relacional".

A relação com outros discursos costuma-se indicar pela adição, à oração relativa, dum advérbio localizador: *Bist du es, der da gesagt hat...?* Como entre *aquele que* e *o que*, a diferença entre *derjenige, der* e *der, der* é a de "discurso identificado ou identificável" no caso de *derjenige, der* e "discurso cuja identificação não interessa" no caso de *der, der*.

A diferença mais notável entre o paradigma português e o paradigma alemão é a seguinte: O alemão prefere visivelmente as construções divergentes, quase não admite construções convergentes.

Isto implica o recurso a outros instrumentos do que às marcas morfológicas quando se trata de distinguir entre o agente e a acção. O alemão aplica os métodos supra-segmentais. Recorre ao acento de intensidade (*Ich bin es, der bezahlt* vs. *Ich bín es, der bezahlt* vs. *Ich bin es, der bezáhlt*).

5. As segundas pessoas

Mas o alemão conhece algumas incoerências significativas.

Pedi a vários alemães que me conjugassem a frase *Ich bin es, der die Dummheit gemacht hat*. O resultado foi ao mesmo tempo unânime e heterogéneo. Unânime, porque todos conjugaram:

Ich bin es, der die Dummheit gemacht *hat*.

Du bist es, der die Dummheit gemacht *hat*.

Er ist es, der die Dummheit gemacht *hat*.

Wir sind es, die die Dummheit gemacht *haben*.

Ihr seid es, die die Dummheit gemacht *habt*.

Sie sind es, die die Dummheit gemacht *haben*.

Heterogéneo, porque nesta estrutura (sein) + *es, der*, a segunda pessoa do plural se afasta do modelo geral. Parce-me que não se diz *Ihr seid es, die die Dummheit gemacht haben*. A segunda pessoa do plural rompe a homogeneidade das construções divergentes.

Analisando o caso com mais atenção observamos, no entanto, que, deixadas de lado as terceiras pessoas que não interessam aqui, é só a primeira pessoa do singular que exige categoricamente a construção divergente e é só a segunda pessoa do plural que exige, nesta estrutura, a construção convergente. Com menor claridade se apresenta o caso da primeira pessoa do plural. Sendo sempre idênticas as formas verbais da primeira e da terceira pessoa do plural, é impossível decidir objectivamente se na nossa frase *Wir sind es, die die Dummheit gemacht haben* o verbo auxiliar *haben* pertence à primeira ou à terceira pessoa.

E quanto à segunda pessoa do singular, se a construção divergente saiu espontaneamente, a construção convergente sugerida depois aos informantes, não era repelida.

E, por outro lado, como vamos ver, há estruturas onde a mesma segunda pessoa do plural **não** se manifesta numa construção convergente mas numa construção divergente.

No caso da segunda pessoa do plural a selecção da construção convergente ou da construção divergente parece obedecer à regra seguinte: A construção convergente serve para expressar uma identificação do agente que já foi feita num discurso anterior e que se repete no discurso actual. A mesma construção convergente serve para uma identificação do agente que o falante julga evidente. Toda a informação é temática. A construção convergente significa: identidade estabelecida. A construção divergente, pelo contrário, serve para assinalar que a identificação do agente está por fazer no discurso actual. A construção

divergente significa: identificação em curso. A informação proporcionada pela oração relativa é também temática, mas a informação da oração principal é remática. É por isso que os valores ônticos que correspondem à construção convergente são a afirmação e a pergunta retórica, e os valores ônticos que combinam facilmente com a construção divergente são a negação e a interrogação. Lemos por exemplo:

Denn ihr seid es nicht, die da reden, sondern eures Vaters Geist ist es, der durch euch redet (Mt. 10,20; Luther-Bibel 1961).

E é também usual a construção divergente numa pergunta:

Seid ihr es, die reden?

As funções mencionadas da construção convergente e divergente respectivamente explicam, além disso, por que no caso da construção convergente a estrutura mais frequente é (*sein*) + *es, der* e por que a construção divergente prefere as estruturas com *der, der* ou *derjenige, der*. Efectivamente, diz-se

Ihr seid die, die reden e *Ihr seid diejenigen, die reden*.

Estas soluções pertencem à terceira pessoa. Marcam a distância entre a terceira pessoa que pertence a outro discurso e a segunda pessoa que pertence ao discurso actual.

É mais difícil explicar por que no interior da categoria da segunda pessoa o singular não reage tão decididamente como a segunda pessoa do plural. Vimos no capítulo dedicado ao pronome relativo *quem*, que o português assinala tendências análogas.

Adianto a conjectura seguinte: Pode ser que o plural se considere como algo heterogéneo. O *tu* é um só indivíduo que sabe ou não sabe uma coisa. No *vós* estão agrupados vários indivíduos. Alguns talvez saibam, outros não. Por isso vale a pena informá-los todos, mesmo se alguns já estão informados, da identificação feita. A solução convergente é um compromisso: na construção *Ihr seid es, die die Dummheit gemacht habt*, o morfema pessoal do verbo na relativa assinala, para os que já sabem, o carácter "consabido" da informação. O pronome relativo que pertence à terceira pessoa indica, aos que presumivelmente não sabem, uma informação nova.

Textos citados

I. Bíblias

- NT Graece; *Nestle-Aland, Novum Testamentum Graece post Eberhard Nestle et Erwin Nestle communiter ediderunt Kurt Aland...*, Stuttgart²⁶1981 (4. revidierter Druck)
- VULGATA: *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam. Nova Editio Logicis Partionibus Aliisque Subsidiis Ornata a Alberto Calunga, O.P., et Laurentio Turrado...* Quinta editio, Madrid 1977
- Boa Nova: *O Novo Testamento. A Boa Nova para toda a gente*, Lisboa 1988 (17.^a impressão)
- Ferreira: *A Bíblia Sagrada comendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida*, Lisboa 1969
- Matos Soares: *Bíblia Sagrada. Traduzida da Vulgata e anotada pelo PE. Matos Soares*, São Paulo ¹⁷1963
- São Paulo: *Bíblia Sagrada. Tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, mediante a versão francesa dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico de São Paulo*, São Paulo ⁵1964
- Luther-Bibel 1545: *Bíblia: das ist: Die gantze Heilige Schrift: Deusch auf new zugericht. D. Mart. Lflth. Wittemberg 1545 (Neuaufgabe WB Darmstadt, 1973)*
- Luther-Bibel 1961: *Die Bibel oder die ganze Heilige Schrift des Alten und Neuen Testaments nach der deutschen Übersetzung Martin Luthers*, Stuttgart 1961
- Luther-Bibel 1984: *Das Neue Testament. Nach der Übersetzung Martin Luthers. Revidierter Text 1984*, Stuttgart 1984
- Die Bibel im heutigen Deutsch: *Die Gute Nachricht des Alten und Neuen Testaments mit den Spätschriften des Alten Testaments*. Stuttgart ²1982
- Elberfelder Bibel: *Die Bibel. Aus dem Grundtext übersetzt. Revidierte Elberfelder Bibel*. Wuppertal: 1987

II. Outros textos (teatro)

A. Abeleira, *Anfitrião outra vez*, Lisboa 1980

J. Gralheiro, *Vieram para morrer*, Lisboa 1980

B. Santareno, *O crime de Aldeia Velha*, Lisboa ³1970

B. Santareno, *O duelo*, Lisboa ²1974

A. Suassuna, *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro ⁸1971